

# «Maternidade atrás das grades»

## Comportamento parental em contexto prisional (\*)

*DINORA SERRAS (\*\*)*

*ANTÓNIO PIRES (\*\*\*)*

Embora a reclusão afecte predominantemente o sexo masculino, tem-se constatado um número crescente de mulheres detidas. Várias estatísticas revelaram que o número de detenções femininas tem vindo a aumentar, sendo este o caso do Estabelecimento Prisional de Tires (Cunha, 1989).

Dado que é permitida a permanência de crianças, até à idade de três anos, junto das mães, enquanto estas cumprem penas judiciais, observa-se que muitas mulheres, por opção ou por não terem outra alternativa, decidem levar os filhos consigo para a prisão. Assim, a reclusão na mulher coloca problemas particulares, nomeadamente o da maternidade. Não só a reclusa, mas também a criança e a própria interacção entre ambas, poderão ser influenciadas pelo meio prisional onde estão inseridas.

O comportamento parental, aspecto crucial para um adequado desenvolvimento da criança,

pode ser influenciado por diversos factores, dos quais se salienta os factores de personalidade da mãe, a rede de apoio social e o contexto social em que a relação mãe-criança está inserida (Belsky, 1984). Considerando os factores de personalidade da mãe e a forte relação entre bem estar psicológico e comportamento parental (Mondell & Tyler, cit. por Bentes, 1999), deve-se atender que estas mulheres, devido à vivência prisional, já por si traumática e ainda acrescida pela culpabilidade que sentem por terem junto de si os seus filhos, têm grande probabilidade de passarem por períodos de depressão, e segundo Figueiredo (cit. por I. Pires, 2001), uma mãe deprimida tem maior dificuldade na interacção com a sua criança. Os dados indicam que as mães depressivas tendem a ser menos atentas ou disponíveis, menos responsivas, mais restritivas ou mesmo punitivas, ou ainda a ter um comportamento intrusivo. Colleta (cit. por Pires, 1990) observou que estas mães propiciavam às crianças, um ambiente mais hostil, indiferente e rejeitante. Portanto, um indivíduo deprimido está centrado em si, despendendo pouca atenção à criança, pelo que entre outros desajustes, tem tendência a um menor planeamento, factor bastante importante para uma relação de qualidade (Pires, 1990). Verificando-se também, que a maior parte destas mulheres têm histórias de consumos de substâncias psicoactivas, e sabendo que o consumo deste ti-

---

(\*) Agradecimentos: Agradecemos ao Estabelecimento Prisional de Tires – Casa das Mães, nomeadamente às mães e à Dr.<sup>a</sup> Florbela Ferreira, pela disponibilidade e apoio prestado.

(\*\*) Santa Casa da Misericórdia de Mação.

(\*\*\*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

po de substâncias durante a gravidez pode produzir efeitos no comportamento da mãe e, consequentemente, na interação com a criança (O'Connor, Sigman & Kasari, cit. por I. Pires, 2001), pode-se pensar que estas mulheres podem sentir dificuldades na relação com seus filhos. A classe social é outro factor materno a considerar neste contexto, uma vez que muitas das reclusas provêm de classes sociais baixas. Diversos estudos verificaram que o comportamento interactivo das mães pertencentes às classes média e alta era mais adequado que em mães pertencentes à classe baixa (I. Pires, 2001).

O apoio ou stress que as mães encontram nas suas redes sociais, é outro factor que pode interferir no comportamento parental. As mães que se sentem socialmente apoiadas mantêm interacções mais adequadas com os seus bebés, e mostram-se mais sensíveis às suas necessidades (Zarling, Hirsch & Landry, cit. por I. Pires, 2001). Masten, Best e Garmezy (cit. por Osofsky, Hann & Peebles, 1993) referem a existência de factores protectores que conduzem à “resiliency”, isto é, à capacidade pessoal para um melhor ajustamento e adaptação a circunstâncias adversas. O apoio emocional despendido aos pais permite-lhes sentirem-se compreendidos, através da empatia e do encorajamento, tornando-os mais eficazes no seu papel de progenitores (Osofsky, Hann & Peebles, 1993). Portanto, existe a convicção de que as mães que beneficiam de um apoio adequado, proporcionam aos seus filhos, um comportamento mais favorável ao desenvolvimento da criança. Acontece que, a maioria destas mulheres provêm de famílias desestruturadas e desorganizadas, o que se poderá reflectir nos cuidados prestados aos seus filhos.

O contexto social e cultural no qual a interacção mãe-criança ocorre, pode também influenciar os cuidados e comportamentos maternos dedicados à criança. Dentro da prisão, o ambiente é considerado por muitos agressivo, conflituoso, demasiado barulhento e agitado, tal como comenta uma reclusa: «No piso das mães há muito barulho e os miúdos estão constantemente a assistir às suas zaragatas (...)» (Cunha, 1994, p. 28). Além disto, a gestão da relação mãe-criança está submetida à lógica e regras que regem a dinâmica prisional, podendo condicionar o adequado planeamento dos cuidados a prestar ao bebé, o que pode influenciar a qualidade da inter-

acção com a criança. As próprias guardas exercem uma vigilância acrescida a estas reclusas, interferindo no desempenho do seu papel maternal (Cunha, 1989). Neto e Bainer (cit. por Machado, 1997) referem mesmo que uma mulher delituosa não será capaz de desempenhar adequadamente o seu papel de mãe, ou por razões de personalidade, ou porque nenhuma prisão pode proporcionar um ambiente saudável ao desenvolvimento adequado das crianças. Neste sentido, a situação prisional pode influenciar negativamente as relações familiares e todo o processo de parentalidade (Hairston & Lockett, cit. por Machado, 1997). Segundo Browne (1989), a fragilidade psíquica, o pouco amor próprio e a ausência de empatia para com os filhos, que a maioria das delinquentes revela, pode ter uma influência negativa sobre as crianças e colocar em risco a qualidade da interacção com elas. Quando a mãe é condenada judicialmente, as consequências no bem estar psicológico da criança podem ser graves, uma vez que a reclusão da mãe e, consequentemente da criança, implica uma modificação total na rotina diária, mas sobretudo uma alteração da interacção com a pessoa mais significativa.

Contrariamente, há quem defenda que a criança não se deve separar da mãe, mesmo que isso signifique ir com ela para a prisão, sobretudo numa fase precoce da vida da criança, cuja relação afectiva com a mãe é muito importante para o seu desenvolvimento motor e psicológico. Mas, a permanência dos bebés junto das mães, é importante não só para as crianças, como também, para as próprias mulheres. Segundo Cunha (1994), com a presença dos filhos, as mulheres não se sentem tão sozinhas, amortecendo o choque e suavizando a vivência prisional, o que se reflecte nos comentários de algumas reclusas quando dizem que «sem as crianças isto é muito pesado (...), com o meu filho o tempo passa melhor, não há tempo para entrar em depressão, obriga-me a reagir» (Cunha, 1994, p. 156). Portanto, as crianças, perante as mães, são amigas, companheiras, e sobretudo figuras contentoras, evitando que estas fiquem deprimidas ou que tenham outro tipo de angústias desorganizadoras (Machado, 1997). A relação dual que estabelecem com as crianças, confere-lhes maior estruturação da personalidade e da identidade, dado o seu desempenho como mães. Dormoy (1992) considera mesmo, que es-

tas mulheres podem desenvolver comportamentos maternos exemplares e reacções emocionais muito intensas, devido à grande culpabilidade que sentem por terem os seus filhos consigo, e ao facto de considerarem que «a melhor coisa da cadeia é deixarem-nos ter os nossos filhos conosco!» (Cunha, 1994, p. 156).

Porém, deve-se salientar que para muitas destas crianças, o ambiente prisional é, provavelmente, o único meio que conhecerão num período da sua vida, em que a qualidade das experiências vividas se torna crucial e de extrema importância. Alguns estudos demonstraram que bebés com mais de quatro meses de permanência na prisão, apresentavam competências cognitivas inferiores às de outros bebés da mesma idade (Carlen, cit. por Machado, 1997). Por outro lado, num estudo efectuado no Estabelecimento Prisional de Tires, constatou-se que as crianças que aí se encontravam, ainda que influenciadas pela cultura prisional, tinham um desenvolvimento adequado à sua idade cronológica (Machado, 1997). Palacios (cit. por Machado, 1997) refere que níveis mínimos de estimulação somente garantem níveis mínimos de desenvolvimento, sendo por isso crucial tentar proporcionar experiências ricas e variadas nos aspectos cognitivo, social e afectivo. Além disto, não podemos também esquecer que estas crianças, para além de viverem num contexto prisional, fechado, depressivo, etc., encontram-se privadas de contactos regulares com o progenitor ou com qualquer outra figura masculina.

Todos estes aspectos, levaram a considerar o contexto prisional como uma situação de risco para a mãe-reclusa, para a criança e, mais especificamente, para o desempenho da maternidade. Pela contradição da literatura consultada, pela escassez de estudos dedicados a esta situação de risco, e essencialmente por toda a dificuldade que o processo de reclusão sugere e pela grande importância que reveste a forma como a díade reage e se adapta à situação de reclusão, considerou-se importante procurar conhecer melhor como é que estas mães vivem esta situação. Deste modo, surgiu o objectivo de compreender o comportamento parental das mães em contexto prisional, construindo-se uma teoria, uma teoria que não utilizasse grelhas, modelos de perguntas pré-estabelecidas, e que não se baseasse no que anteriormente foi escrito sobre o assunto, mas no

que foi sentido, quando em interacção com as mães e com todo o seu discurso. Porém, não é pretensão oferecer uma teoria universal, mas sim um modelo explicativo construído a partir dos dados que foram transmitidos pelas mães, esperando-se que contribua para uma melhor compreensão das experiências vividas pelas mães-reclusas e, por conseguinte, que possibilite uma intervenção consciente, suficientemente bem informada e ajustada à realidade vivida por estas mulheres.

## MÉTODO

Para a recolha e análise dos dados utilizou-se o método da Grounded Theory, desenvolvido por Glaser e Strauss (1967), cujo objectivo é descobrir o problema do ponto de vista dos actores e a forma como lidam com isso. Assim, utilizando o contexto de descoberta, este método permitiu desenvolver uma teoria sobre o comportamento parental de mães detidas, a partir dos dados sistematicamente recolhidos e analisados, e deste modo ajustada à realidade que representa, e não a partir de ideias pré-concebidas baseadas em teorias anteriores.

### *Participantes*

As participantes são seis mães que cumprem pena judicial superior a um ano, na Casa das Mães no Estabelecimento Prisional de Tires, e estão acompanhadas pelos seus filhos de idades compreendidas entre um e dois anos. Primeiro foi entrevistada uma mãe com trinta e três anos, cuja filha tem dois anos e meio e que tem dois irmãos com onze e oito anos. Quando foi detida, estava grávida de quatro meses. Em seguida foi entrevistada uma mãe com vinte e nove anos, cujo filho tem um ano e três meses, e foi presa quando a criança tinha oito meses. Tem mais um filho com sete anos. A terceira mãe entrevistada tem trinta e oito anos, e soube que estava grávida quinze dias depois de ter sido detida. A filha tem um ano e três meses e tem mais quatro irmãos com quinze, dez, cinco e três anos. A quarta mãe entrevistada tem quarenta e um anos, e quando foi detida a filha tinha um ano. Actualmente, a criança tem dois anos e tem um irmão catorze anos mais velho. A quinta mãe tem vinte e três

anos e a criança tem dois anos. Quando a detenção ocorreu a criança tinha 8 meses. Por último, foi entrevistada uma mãe com vinte e quatro anos, cujo filho tem dois anos e seis meses e está na prisão há quatro meses. Todas as participantes têm ou tiveram relações conjugais e, excepto o companheiro da quinta mãe, todos os restantes estão ou já estiveram também detidos.

### *Procedimento*

A recolha da amostra foi efectuada no Estabelecimento Prisional de Tires, mais especificamente na Casa das Mães. As entrevistas tiveram um delineamento semi-directivo, foram realizadas individualmente, gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Antes da realização da entrevista foi explicado a cada participante, o objectivo do estudo e a importância da sua colaboração, e foi solicitada autorização para a gravação da entrevista, tendo-lhes sido assegurado o anonimato e a confidencialidade dos dados. À partida foi colocada uma questão muito geral e aberta: «Como tem sido a sua experiência como mãe?» ou «Como tem sido ser mãe na prisão?», que visava o início da conversa permitindo que as mães tivessem total liberdade para falarem o que quisessem. Posteriormente, consoante o curso da entrevista foram colocadas outras questões que suscitaram mais interesse e que pareceram mais relevantes. A atitude do entrevistador foi de ouvinte activo, empático e o menos sugestível possível. Após cada entrevista, procedeu-se à transcrição, onde todos os nomes foram alterados e trocados, e à análise, antes de ser feita a entrevista seguinte, de forma a saber que temáticas seria importante aprofundar de seguida. Assim, ao longo do processo de investigação, alternou-se entre a recolha e a análise dos dados, uma vez que permitiu desenvolver a sensibilidade teórica, ou seja, a sensibilidade aos conceitos importantes para o estudo e a compreensão desses conceitos, seu significado e relacionamento, de modo a desenvolver uma teoria conceptualmente densa, bem integrada e fiel à realidade dos fenómenos em estudo.

### *Análise dos Dados*

Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se à análise dos dados de acordo com a Ground

ed Theory, sendo portanto, codificados, categorizados e comparados entre si, estabelecendo-se relações entre as diversas categorias que emergiram da sua análise. O processo iniciou-se com a codificação aberta, a qual consistiu na leitura minuciosa das frases com o objectivo de encontrar incidentes, pô-los à margem do texto, categorizá-los e dar-lhes um nome que represente o fenómeno, criando-se assim categorias. A linguagem dos participantes guiou o desenvolvimento da codificação e categorização, pois só as categorias “in vivo”, as próprias palavras dos participantes, ajudam o investigador a distanciar-se dos seus próprios pressupostos e crenças acerca do fenómeno, para assim não fechar precocemente a análise. Estas categorias foram sendo sistematicamente comparadas e contrastadas umas com as outras, levando a categorias mais complexas e inclusivas. Simultaneamente, foram elaborados memorandos auto-reflexivos, que emergiram ao longo da análise dos dados, com a definição de cada categoria e a integração de algumas categorias umas nas outras, por se verificar existir uma determinada relação entre elas. Estes memorandos permitiram documentar e enriquecer o processo analítico, e expandir o corpo dos dados. De seguida, procedeu-se ao que Strauss e Corbin (1990) designaram de codificação axial, em que se reuniu os dados recolhidos na codificação aberta, estabelecendo-se relações entre as categorias e subcategorias. Isto permitiu pensar sistematicamente sobre os dados, dando à análise densidade e precisão. Por fim, realizou-se a codificação selectiva, ou seja, identificou-se a categoria principal, relacionando-a com as outras categorias e validando essas relações, confrontando-as com os dados. Os critérios para a selecção da categoria principal foram a centralidade da categoria em relação às outras categorias, a frequência de ocorrência da categoria nos dados, a facilidade com que ela se relaciona com as outras categorias, as suas implicações e concepções para a variação máxima em termos de dimensões, propriedades, condições, consequências e estratégias. Ao chegar-se aqui, as categorias já foram classificadas e comparadas até estarem saturadas, isto é, até não se encontrarem mais dados passíveis de serem adicionados a essas categorias para as caracterizar, sendo que a amostragem terminou. As categorias estavam já, exaustivamente desenvolvidas e as suas relações estabele-

cidas e validadas. Nesse momento, juntaram-se todos os memorandos escritos ao longo do estudo e iniciou-se a escrita da teoria, tendo-se recorrido sempre aos dados para exemplificar um ponto de vista e fornecer algumas ilustrações.

## RESULTADOS

Para uma melhor compreensão do modelo teórico elaborado acerca do comportamento parental em contexto prisional, apresenta-se antes de mais, o referido modelo em forma de esquema (Figura 1).

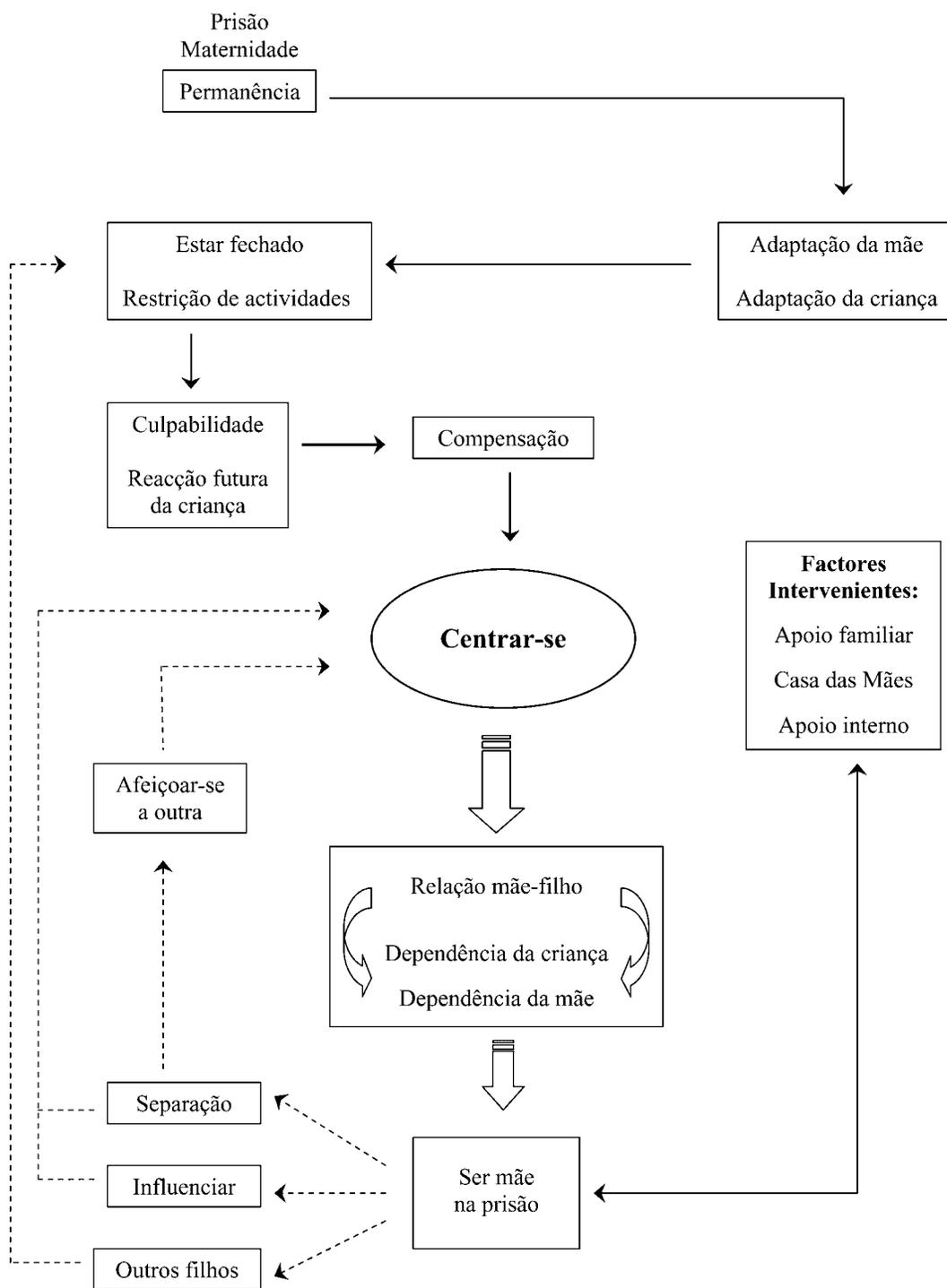
Numa prisão, o processo parental é desde cedo influenciado pelo próprio processo de reclusão destas mulheres. Inicialmente, ao estarem presas e simultaneamente estarem grávidas ou terem filhos pequenos, começam a preocupar-se com a decisão da **permanência** ou não, das crianças na prisão. Para algumas mães, esta questão não se coloca, pois desde sempre pensaram em manter os filhos junto a si, mesmo que isso implicasse trazê-los consigo para a prisão. Para outras, embora tivessem a ideia inicial de deixá-los em liberdade, sobretudo pela imagem negativa e de terror que possuem inicialmente do ambiente vivido numa prisão, acabam por optar pela permanência das crianças junto de si. Esta decisão é influenciada por diversas razões que vão desde a falta de condições e de alguém que cuide da criança, à omissão da reclusão à família, à doença da criança após um período de afastamento e separação, até ao medo e receio que os filhos se afeiçoassem a outras pessoas e as deixem de considerar suas mães.

Ao estarem acompanhadas pelos filhos, o período inicial de reclusão e a **adaptação** à prisão, já por si um momento muito complicado de ultrapassar, torna-se ainda mais difícil, sendo considerado por algumas mães como dos períodos mais difíceis de todo este processo. Por vezes, esta dificuldade reflecte-se na demora em começarem a trabalhar e no medo em permitirem aos filhos frequentarem a creche. Nesta fase, todas as mães se encontram muito sensíveis e choram bastante, e a sua atitude e comportamento varia bastante. Chega a acontecer o isolamento na cela com a criança e também o afastamento da criança derivado a uma depressão pós-parto, como reflectem os comentários das mães: «*Eu só*

*queria ficar no meu canto sozinha, sem ninguém me chatear e a S também se sentia bem comigo (...) só queria colinho, só queria estar à minha beira, só queria miminhos e eu dava-lhe miminhos a ela, e a gente consolava-se assim uma à outra», «Não tinha paciência nem para o choro dela, nem conseguia estar a ouvir o choro da minha filha, tive de a mandar ao fim de 15 dias para a rua... perdi o peito e tudo. Tive uma depressão após o parto derivado a pensar que... pronto... que isto ia ser um ambiente muito coiso para a minha filha, não tinha explicação, nem tinha uma maneira de ver isto aqui dentro com a minha filha». Assim, a forma com as mães lidam com esta fase inicial de adaptação parece influenciar e condicionar o seu comportamento e atitude com as crianças, o que mostra que o processo de reclusão influencia o seu comportamento parental.*

Tal como as mães, também as **crianças** levam o seu tempo a **adaptarem-se** a um ambiente tão específico e diferente. Algumas crianças, apesar de inicialmente estarem nervosas e de estranharem o ambiente, adaptam-se bem e posteriormente conseguem estabelecer relações saudáveis com outras crianças, reclusas e guardas. Para isto, segundo as mães, parece contribuir a pouca idade que as crianças têm quando entram na prisão, não notando tanto a separação e a perda de liberdade, como salientam algumas mães: «*A S entrar agora com dois anos para a cadeia, pronto, acho que me ia custar muito ver aqui a S agora (...) Naquela fase que ela ainda ia fazer um ano (...) portanto ela não entendia bem e não custou muito (...) eu acho que não lhe custou muito (...)*», «*O R estranhou um bocado, mas depois foi fácil, porque ele também era pequenino*». No entanto, para outras crianças esta adaptação é bastante difícil, passando por períodos muito dramáticos em que se tornam muito revoltadas e choram bastante, sobretudo à noite e quando estão fechadas na cela, notando muito a mudança de ambiente. A este respeito uma mãe comenta: «*Quando ele entrou, entrou muito, muito revoltado... pronto, ele já se apercebe... porque ao princípio batia à porta, a porta não abria... batia em todos os miúdos, bastava um miúdo agarrar numa coisa que fosse dele... estardalhaço total. Agora está mais calmo, nos dois primeiros meses chorava muito para ir para a creche (...)*». Destes comentários percebe-se ainda, que

FIGURA 1  
Esquema do Modelo Teórico



estas dificuldades de adaptação, mais ou menos acentuadas, se reflectem na própria adaptação à creche que é também muito complicada, principalmente pela separação das mães. Mas, depois deste período, e principalmente depois de se integrarem na creche, as crianças, tal como as mães, mentalizam-se que têm de permanecer na prisão, começando a relacionar-se melhor com outras pessoas, o que se pode observar nesta entrevista: «Ao princípio notava que ele estava revoltado, mas agora vejo que... pronto, não é conformado... acho que aceita melhor, leva isto na brincadeira.»

Numa segunda fase, as mães ao sentirem que com a sua detenção privaram as crianças da liberdade, sujeitaram-nas a **estarem fechadas, restringiram-lhes o tipo de actividades** que podem desenvolver e o contacto com pessoas importantes como o pai, os irmãos e os avós, sentem uma enorme **culpabilidade**, que se reflecte nos seguintes comentários: «Sentia-me um bocado culpada (...) culpada da minha filha nascer aqui e estar aqui comigo (...)», «(...) eu nunca me vou perdoar por ele estar aqui junto comigo (...)», «(...) sinto-me culpada de o meu filho estar aqui dentro fechado por causa de mim». Além desta culpabilidade, estas mães receiam bastante a **reação futura da criança**, sentindo-se bastante angustiadas perante a possibilidade de os filhos não compreenderem as razões da sua opção de mantê-los na prisão, e as culparem de lhes terem privado a liberdade, acabando por se afastarem, tal como comentam algumas mães: «Não sei se a M me vai culpar e dizer “tive presa tanto tempo por tua causa, podia ter estado lá fora e viver tantas coisas e não sei quê” ... ou estar do meu lado e pensar “a minha mãe não tem culpa, foi a vida, não se quis separar de mim” (...) Penso nisto e tenho receio que ela me culpe, não é? Mas vou tentar dizer-lhe que foi para o bem dela, para não ficar sozinha sem mim... que aprendi a ter mais paciência para ela», «Sinto receio de ele um dia se lembrar, de me acusar de alguma coisa (...) eu não sei até que ponto é que ele um dia mais tarde me poderá culpar de alguma coisa (...) um, dia eu sair e ele não querer vir... esse é o meu maior medo (...)». Por isto, as mães pretendem contar e explicar pessoalmente toda a situação, evitando que as crianças as culpem, e fazendo com que continuem a considerá-las como mães e assim, não se afastem. Excepto uma

mãe que não pretende contar esta experiência ao filho e até deseja que ele esqueça toda a situação, a maioria das mães revela a necessidade de, quando os filhos tiverem idade para compreender, contar e explicar pessoalmente as razões que as levaram a optar por não se separarem deles, mesmo que isso implicasse levá-los consigo para a prisão. Ou seja, mesmo tendo o receio que os filhos as culpem, as mães continuam a querer conversar com eles sobre o assunto, sobretudo para que saibam por elas próprias, para que compreendam as suas razões e para que esta experiência sirva de exemplo para não cometerem os mesmos erros. A este respeito algumas mães dizem: «Tenho receio que ela me culpe, não é?, mas vou tentar dizer-lhe que fiz para o bem dela, para não ficar sozinha sem mim... que aprendi a ter mais paciência para ela», «Quando ele entender, penso falar com ele, explicar-lhe tudo, fazê-lo compreender (...) e espero que não cometa os mesmos erros, que aprenda com esta situação (...)», «Tenho ideia de lhe contar. E até é bom para ela ver... pronto, sei lá... a experiência má que eu tive para não cair nos mesmos erros».

Perante o sentimento de culpabilidade e o medo e a incerteza da reacção da criança no futuro, algumas mães revelam a necessidade de compensarem os filhos por estarem na prisão, tal como se observa no comentário desta mãe: «Parece que é querer compensá-la por estar aqui dentro e não estar em liberdade lá fora (...) então há sempre aquela... é mais mimada, fazemos sempre todas as vontades (...) a minha filha está aqui presa por minha culpa (...) tento compensá-la de alguma forma.» Portanto, tentando de alguma forma atenuar a sua culpabilidade e evitar que no futuro, os filhos as acusem ou culpem pela sua permanência na prisão, as mães adoptam a estratégia de **compensação**, fazendo todas as vontades das crianças, mimando-as o mais que podem, e dedicando-se e centrando-se nelas.

Desta forma, as mães passam a viver em função da criança e focalizam-se nela, **centrando-se**. Esta centração e focalização parece ser o aspecto que domina e caracteriza o comportamento parental destas mães. Trata-se da dedicação total à criança, estando sempre disponíveis para esta, assumindo as crianças um papel preponderante para as mães, na medida em que passam a ser o centro da sua vida. Com isto, as mães revelam

que é muito importante para elas serem mães e estarem a viver esta situação com a criança, vivendo em função dela, e dessa forma ganharem coragem e força para ultrapassar a sua reclusão. Apesar de se sentirem culpadas pela permanência dos filhos na prisão e recearem a reação futura da criança, as mães revelam que a sua reclusão se torna suavizada e mais suportável com a presença dos filhos, que lhes transmitem apoio e força, ajudando-as a suportar e a ultrapassar melhor esta situação, como salienta uma mãe: «*A minha filha dá-me força (...) sinto-me apoiada com a minha filha.*» Outra mãe, a propósito disto, comenta: «*O meu filho dá-me muita força aqui (...) sem ele não aguentava mesmo isto*», demonstrando que, para algumas mães, esta experiência seria mesmo insuportável sem a presença das crianças. Portanto, embora seja difícil viver a detenção com uma criança e com todas as consequências que isso acarreta, esta experiência parece ser atenuada pela força e coragem que as crianças transmitem às mães. Assim, em todo o tempo disponível que têm, as mães dedicam-se à criança, mostrando uma maior disponibilidade para estar com ela, não só por temporalmente estarem mais com os filhos, como também pela maior dedicação, vontade e disponibilidade psicológica para estarem com eles, como referem estas mães: «*Pronto, estou mais tempo com a M (...)*», «*O tempo todo é para os nossos filhos*». Verifica-se também, que ao centrarem-se nos filhos e ao ocuparem todo o tempo livre com eles, as mães encontram uma forma de os dias passarem mais depressa. Ao cuidarem diária e constantemente da sua criança e ao se preocuparem com os cuidados, com a alimentação e com a higiene, as mães ocupam os seus dias, e também o seu pensamento, não tendo tanto tempo para pensarem na sua situação, na suas preocupações e inquietações, tal como diz uma mãe: «*E penso que foi um pecado que me aconteceu, mas que ajuda a passar o tempo aqui dentro, que ao fim e ao cabo tudo isto foi positivo (...) e que eu não penso muito na minha vida (...)*». Então, verifica-se que as crianças funcionam como um refúgio e uma forma de as reclusas se abstrair de toda a situação e viverem mais tranquilamente a sua reclusão. Portanto, a dedicação e concentração constante surge como uma forma de compensar as crianças, contribuindo por sua vez para reduzir o sentimento de culpabilidade que as mães sentem

e evitar uma reação menos boa da criança, no futuro.

Consequentemente, esta focalização e concentração na criança, leva a que a **relação mãe-filho** seja muito próxima e quase exclusiva, e que se baseie essencialmente nas brincadeiras, na interpretação de canções e no contar histórias, como contam algumas mães: «*Brinco muito com a minha filha, conto-lhe histórias (...) ensino-lhe canções*», «*Brinco com ele, (...) só quer água, molha-me a casa de banho toda*». Esta relação é tão próxima e exclusiva, que as mães acabam por criar uma relação de **dependência** mútua. Por um lado, as crianças tornam-se bastante dependentes das mães, tendo de dormir, ir à casa de banho e andar sempre a seu lado, como referem estas mães: «*Até quando vai à casa de banho tem de ir comigo*», «*Tem de adormecer a agarrar-me na orelha sempre*», «*Basta não me ver no corredor fica em pânico*». Esta dependência acentua-se no período de adaptação da criança, quando esta entra para a creche e quando vai passar o fim-de-semana fora, mantendo-se contudo, ao longo da reclusão. Por outro lado, as mães também se tornam de tal forma, dependentes dos filhos que se sentem muito tristes e só quando eles não estão, como por exemplo, quando vão passar o fim-de-semana a casa, havendo mesmo algumas que não aceitam estas saídas da criança por não aguentarem um fim-de-semana sem a companhia dela, tal como conta esta mãe: «*Não conseguia passar o fim-de-semana sem ela aqui dentro.*»

Com isto, estas mulheres consideram que **serem mães na prisão** as tornou mães diferentes, não que antes não soubessem cuidar dos filhos, mas porque aqui se tornaram mais atentas, mais dedicadas e mais próximas dos filhos. Ao centrarem-se e dedicarem-se permanentemente à criança numa tentativa de a compensarem, de atenuarem e reduzirem a sua culpabilidade e os seus receios, e também de se abstrair de si e da sua reclusão, as mães tornam-se mais presentes na vida da criança, contribuindo para que adoptem comportamentos maternos diferentes e mais adequados. Portanto, ser mãe na prisão caracteriza-se por ser uma experiência diferente e marcante, contribuindo para que as mães se tornem ainda mais próximas das crianças do que já o eram em liberdade. Contudo, ao estarem na prisão, manifestam uma tristeza e preocupação constante que este ambiente **influencie** e traumatize

os filhos. Face a isto, todas as mães, inclusive uma que não acredita nesta influência, utilizam as estratégias de se dedicarem e centrarem o mais que podem no filho, para que ele não fique traumatizado e sinta o menos possível que está numa prisão, e de evitar mostrar as suas tristezas e angústias à criança, afastando-se e separando-se dela nestes momentos, tal como algumas mães contam: «Ela sente quando é que estou mais nervosa (...) então tento sempre não misturar as coisas (...) eu acho que isto marca mesmo as crianças (...)», «(...) tentar que ela não fique muito traumatizada, o menos possível. Tento não chorar à beira dela (...)», «(...) tenho de estar bem emocionalmente que é para transmitir isso também ao meu filho (...) eu faço todos os possíveis para que isso não se transmita nele... que isto não lhe vá causar nenhum trauma (...). Tenho é receio que venha é a traumatizar a ele psicologicamente, por ter sido... pronto, ter sido criado num sítio diferente. (...) Por isso mesmo é que eu digo que não posso transmitir a minha tristeza (...)».

Quando as mães têm **outros filhos**, esta tristeza acentua-se, mostrando uma grande preocupação e angústia por estarem afastadas e separadas deles, e por não poderem acompanhar o seu desenvolvimento, o que acarreta também, o receio que esses filhos se afastem e deixem de as considerar suas mães, por estarem pouco tempo com elas. A existência de outros filhos permite ainda, a comparação da relação e dos comportamentos que tinham com esses filhos, com a relação e os comportamentos que têm com as crianças que estão na prisão, sentindo que, realmente os filhos estão bastante fechados e restringidos nas actividades, e fazendo com que as mães se sintam ainda mais culpadas e receosas da reacção posterior deles, contribuindo deste modo, para que se centrem cada vez mais nas crianças que estão na prisão, como se assim as pudessem compensar por estarem privadas de liberdade. Sobre isto algumas mães referem: «Mais difícil foi quando tomei a decisão de mandar o meu filho, o outro mais velho que tem 7 anos para Luanda (...) e choro porque penso nos meus filhos (...) e porque o outro que tem 7 anos e não está ao pé de mim (...) Sinto-me triste, porque com o meu filho mais velho eu saía para todo o lado livre, ar puro, essas coisas. E este coitado, não sai para lado nenhum, estou sempre

*aqui fechada com ele (...)*», «(...) se não fosse os telefonemas eu ia me afastando... um bocadinho todos os dias, eles iam-se afastar de mim, não é?, já assim é difícil (...) Eu costumo dizer que a cadeia custa, mas é assim, custa menos às pessoas que não têm filhos lá fora, porque o que me mata aqui dentro é ter os meus filhos lá fora (...) o que faz passar muitos dias maus aqui dentro é ter os filhos lá fora. (...) Por isso é que eu acho que a J veio compensar os outros todos, veio ocupar o lugar dos outros, porque é com ela que tento compensar o tempo que não estou com os outros».

Assim, criar uma criança na prisão não é fácil, tendo estas mães de lidar constantemente com o receio que o filho seja influenciado por esse ambiente, com o afastamento de outros filhos e também com o medo constante da **separação** da criança. A separação da criança é um aspecto muito marcante para as mães e que está sempre presente ao longo de todo o processo de reclusão destas mulheres. O facto de as crianças terem de deixar a prisão aos três anos de idade e de as mães ainda não terem cumprido o tempo total de pena, deixa-as bastante angustiadas e nervosas, sobretudo porque vão perder a pessoa com quem ocupam os seus dias, que as distraem, que não as deixam pensar nos seus problemas, e quem lhes transmite energia e força, sendo também neste momento que todos estes receios se podem ou não confirmar. A este respeito todas as mães revelam uma grande apreensão: «Acho que não vou aguentar sem ele aqui, se ele for embora vou sofrer imenso», «Acho que aí é que vai ser a parte mais difícil (...) porque quando ele sair... é que me vai custar bastante... a fase quando ele for embora», «O meu problema é daqui a 5 meses tenho de o pôr lá fora, vai ser muito complicado... só o facto de estar com ele para mim é bom, ajuda-me a superar isto muito mais, não me imagino aqui sem ele...». Então, perante o medo constante da separação, as mães tentam ao máximo dedicarem-se à criança e mimarem-na e amarem-na o mais possível enquanto esta permanece na prisão. O facto de a separação da criança estar sempre presente nesta relação, acarreta ainda, para algumas mães, um enorme receio e medo que as crianças se **afeiçoem a outras** pessoas e as deixem de considerar como mães, levando-as igualmente a centrarem-se na criança e a dedicarem-se completamente a ela. Portanto, a

centração e a focalização na criança, parece variar em função, não só da culpabilidade e da incerteza e medo da reacção futura da criança, como também do receio que este ambiente influencie as crianças, do afastamento de outros filhos e da separação da criança, contribuindo consequentemente para acentuar e reforçar os comportamentos de focalização e centração das mães.

No processo de reclusão e maternidade destas mães, salientam-se também alguns *factores intervenientes* específicos a esta prisão e nomeadamente à Casa das Mães, que adquirem importância, na medida em que condicionam a experiência destas mulheres de serem reclusas e mães na prisão, influenciando a forma de lidarem com a situação e, essencialmente, de se relacionarem com os filhos, contribuindo para se tornarem mães diferentes. Neste sentido, pode-se considerar o apoio da família, o ambiente particular que se vive neste pavilhão e o apoio interno que as mães recebem. No que concerne ao **apoio familiar**, todas se sentem constantemente apoiadas pelos familiares, tanto a nível material e económico, como a nível emocional e afectivo. Com este apoio, as mães não se sentem tão abandonadas e desprezadas, adaptando-se mais facilmente à prisão e lidando melhor com a situação, tornando-a menos dramática, o que por sua vez, se vai reflectir no comportamento com a criança. Relativamente ao marido, a maioria das mães refere o pouco contacto com o pai da criança ou por já não manterem nenhuma relação com ele, ou por este estar também detido, como podemos observar por estes exemplos: «*O meu marido também está detido (...) não sei se vai vir ou não*», «*Pronto, o pai está preso também e como só vem uma vez por mês (...) nós agora não temos relação nenhuma (...) não vale a pena voltar a viver com o meu marido (...) se isso acontecer eu vou ter problemas outra vez*», «*(...) tinha o apoio do pai dele, mas as coisas estão muito complicadas entre nós (...)*», que reflectem o pouco ou nenhum apoio prestado pelos companheiros. No entanto, algumas mães além do apoio da sua família, sentem-se também apoiadas pelo pai da criança e/ou pela família deste, tal como contam estas mães: «*O apoio tem sido muito bom, têm sido... nem tenho palavras para dizer a respeito disso. Quando a M nasceu então... meu Deus*», «*O meu marido está em Santa Cruz do Bispo (...) A família toda que me apoia que sabe*

*é a família do lado do meu marido (...)* Com o meu marido dou-me muito bem (...) *Ele é um homem que me apoia muito (...)*», «*(...) agora pronto, tenho o apoio da minha família e da família dele da parte do pai*», tornando a sua situação mais fácil.

A **Casa das Mães** é considerada pela maioria das mães como um ambiente muito mais adequado para as crianças do que qualquer outro pavilhão, pois foi construído a pensar nelas. Ao contrário de outros pavilhões, que são considerados muito agressivos, pesados e onde não se tem cuidado com a linguagem, aqui vive-se num ambiente mais sossegado, com mais condições para as crianças, e onde existe a preocupação com a linguagem e com todo o ambiente, tal como referem algumas mães: «*(...) vi como é que é o ambiente num pavilhão... é muito agitado (...) uma casa feita especialmente para as crianças, é um sítio mais sossegado e com mais condições do que um pavilhão*», «*(...) num pavilhão é um ambiente mais agressivo (...) aqui é mais calmo, tem crianças, são todas mães (...) aquela preocupação de não fazer isto, não ser tão agressiva (...)*». Então, a reclusão destas mulheres torna-se mais suportável, não só por terem a presença dos seus filhos, mas também, por estarem num pavilhão mais sossegado e próprio para as crianças, contribuindo para que vivam a maternidade na prisão de uma forma mais tranquila.

Também o **apoio interno** despendido por toda a equipa que trabalha no pavilhão, quer das guardas, quer da psicóloga e da educadora de infância, ajuda-as a superarem a situação e a lidarem com os filhos. Quando entram na prisão, as mães temem tudo e todos, receando ficar sozinhas, desamparadas e sem qualquer tipo de apoio, mas quando são recebidas na Casa das Mães, percebem imediatamente que podem contar com o apoio de toda a equipa, que efectivamente as ajuda, como se pode observar pela entrevista desta mãe: «*É difícil pensar que ia ser doloroso, que não ia ter a família a ajudar a minha filha (...) o meu medo era esse... que não ia ter o apoio de ninguém e ter de ser eu sozinha e... pronto, mas pelo contrário. (...) Quando entrei ali, já vi as coisas de outra forma... logo que entrei já vi que fui logo apoiada.*» Assim, o apoio interno aparece como um factor fundamental, sendo bastante importante para o equilíbrio emocional das mães e para o desempenho da sua maternidade.

Este apoio é de tal forma importante, que se transforma muitas vezes em amizade. Algumas mães referem que as únicas amigas que têm na prisão são as guardas, aconselhando-se e desabafando com elas, tal como conta uma mãe: «*As guardas ajudam-nos bastante, podemos desabafar com elas, contar os nossos problemas. Algumas guardas aqui posso dizer que são minhas amigas (...)*».

Por viverem a reclusão num pavilhão tão particular como este e por se sentirem tão apoiadas, as mães acabam por retirar aspectos positivos desta experiência, não só para a sua maternidade, como para a sua vida pessoal. Esta Casa, o ambiente, o apoio interno e as crianças parecem assumir um papel facilitador da vivência prisional, ao ponto de uma mãe esperar permanecer aqui após a separação da sua filha aos 3 anos, recedendo bastante a mudança para outro pavilhão, tal como refere: «*Vai ser muito difícil (...) eu não sei se sem a minha filha... se eu vou ficar... não sei... se ficar neste pavilhão talvez fique calma e... mas se mudar de pavilhão não sei.*»

No entanto, apesar da centralização na criança, de todos os comportamentos de compensação da mãe, do apoio interno e familiar, e do ambiente ser mais saudável e adequado para as crianças do que qualquer outro pavilhão, estas não deixam de crescer numa prisão, nem de pertencer a uma organização e cultura específica. Por isto, ao se desenvolverem num ambiente tão particular, as crianças inevitavelmente, adquirem e reflectem a dinâmica e a cultura prisional dominante, o que se verifica nas brincadeiras quando dão um passeio e dizem: «*Tchau, vou de precária*», ou quando gritam «*café, café*», assim que ouvem a letra da sua ala, soar no micro, ou ainda, quando sabem que «*tem hora para a porta estar aberta, tem hora para estar fechada*».

## CONCLUSÕES

Na construção do modelo teórico verificou-se que o aspecto característico do comportamento parental destas mulheres é a centração e dedicação total à criança, revelando-se fundamental para elas serem mães e focalizarem-se na criança, pois dessa forma, sentem-se apoiadas e com força, e ajuda-as a passar o tempo e a não pensarem tanto na sua situação e angústias, suavizando a sua reclusão e tornando-a mais suportável. Veri-

ficando-se que, tal como referiu Cunha (1994), a vivência prisional é suavizada pela permanência das crianças, assumindo estas o papel de amigas, companheiras e sobretudo, de figuras contentoras.

A relação dual e muito próxima que estas mães estabelecem com as crianças permite-lhes a continuidade do seu papel de mãe, o que segundo Cunha (1994) se revela muito estruturante da sua personalidade e identidade. Contudo, como referiram Erthel e Leguay (cit. por Machado, 1997), as relações de grande dependência tornam o momento da separação muito dramático. Rufo, Pioli e Pons (1994) defendem que o fenómeno da separação desde cedo enraizado na díade, pode ser prejudicial à relação, ao desencadear sentimentos de grande angústia e dependência nas mães.

Tal como referiu Browne (1989), as reclusas que se encontram separadas de outros filhos, vivenciam a separação e a maternidade de forma igualmente preocupada, por um lado, por não saberem como os filhos se encontram e, por outro, por sentirem insegurança quanto à relação no futuro, pois sentem medo que as crianças se esqueçam delas, que as deixem de amar ou que arranjem outra mãe, o que reforça os seus comportamentos de focalização. Assim, verificando-se que estas mães vivem em função dos filhos e desenvolvem com eles relações de grande dependência, sugere-se, em futuros trabalhos, o estudo de mães que já viveram este momento, ou seja, cujos filhos ficaram “lá fora” ou já saíram da prisão, tentando perceber-se o que mudou e que consequências a separação acarretou.

Por outro lado, a dedicação e centração total na criança que acontece também em função da culpabilidade que as mães sentem por manterem os seus filhos na prisão, tal como salientou Dormoy (1992), contribui consequentemente, para o desenvolvimento de comportamentos maternos mais dedicados e adequados. Então, apesar de alguns autores (Neto & Bainer, cit. por Machado, 1997) acreditarem que a mulher delituosa não é capaz de desempenhar eficazmente o seu papel de mãe, estas mulheres revelaram capacidades para desempenhar adequadamente o seu papel maternal, mostrando ser possível manter a relação mãe-filho na prisão. Para isto, parece contribuir o ambiente particular que se vive na Casa das Mães e o apoio interno e familiar que as mães recebem, uma vez que, segundo Zarling, Hirsch

e Landry (cit. por I. Pires, 2001), o apoio social e emocional prestado às mães é uma condição favorável ao estabelecimento de uma boa interação mãe-criança, e tal como referiram Osofsky, Hann e Peebles (1993), permite aos pais sentirem-se compreendidos através da empatia e do encorajamento, tornando-os mais eficazes no seu papel de progenitores. Portanto, o apoio familiar e técnico revelado pela maioria destas mulheres favorece o relacionamento, e ajuda à tranquilidade e à adequação do comportamento parental. Aqui, podem levantar-se duas questões: como seria a relação mãe-filho noutra pavilhão e como será essa relação daqui a alguns meses ou anos, fora do estabelecimento prisional.

Ainda a respeito do ambiente prisional, destacam-se dois aspectos importantes. Primeiro, o facto de ser um ambiente exclusivamente feminino e onde as crianças estão privadas de contactos regulares com o progenitor ou outra figura masculina, constatando-se que poucos são os pais que visitam os filhos com regularidade, ou por estarem presos, ou por não manterem qualquer relação com a mãe. Perante isto, cada criança reage de forma diferente aos contactos com o pai, verificando-se que, tal como salientou Harwant (cit. por Machado, 1997), a forma como as crianças se relacionam com o pai depende da forma como as mães sentem esse relacionamento e o transmitem ao filho. Segundo, o facto de as crianças, mesmo num pavilhão exclusivo para elas, reflectirem a dinâmica e a cultura prisional, tal como se verificou no estudo realizado pelo Estabelecimento Prisional de Tires (Machado, 1997).

Além disto, verificando-se que as mães passam por um período de adaptação em que se encontram bastante sensíveis, e que por vezes, culmina em isolamento e em depressão pós-parto, mas que os dados não foram suficientemente esclarecedores, salienta-se a importância de em próximos estudos, aprofundar a forma como estas mães vivem a adaptação à prisão e como isso influencia, ou não, o seu comportamento parental, sobretudo se se considerar que as reclusas têm grande probabilidade de passarem por períodos de depressão e que uma mãe deprimida tem maior dificuldade na interacção com a sua criança (Figueiredo, cit. por I. Pires, 2001). Deve-se também sugerir que, embora se tenha tido em conta o tempo de pena e a idade da criança, seria interessante num estudo futuro, considerar o tempo

que a criança está na prisão, estabelecendo-se grupos de díades com diferentes tempos de permanência na prisão e compará-los entre si, uma vez que se constatou que as angústias e as preocupações que as mães sentem em determinado momento variam em função de há quanto tempo as crianças estão na prisão.

Este modelo teórico pode ainda, trazer algumas *implicações práticas*. Atendendo à enorme culpabilidade que as mães sentem, seria fundamental reforçar a necessidade de existir alguém que as ajude e oriente na sua ligação com a criança, pois segundo Browne (1989) só assim as reclusas poderão sentir-se menos culpabilizadas e mais competentes no desempenho da sua maternidade. Verificando-se o quanto é importante para as mães e para o seu relacionamento com as crianças, o apoio emocional, social e instrumental que recebem, seria fundamental manter, reforçar e alargar este apoio ao nível técnico e familiar, sobretudo no que concerne aos relacionamentos conjugais, situação onde as mães revelaram sentir-se menos apoiadas. Além disto, sendo a separação um momento sempre tão presente e temido pelas mães, deve-se implementar e/ou aumentar o apoio e acompanhamento neste período, ajudando as mães a lidarem com os medos e angústias de solidão, de abandono, e de serem substituídas por outras pessoas de quem os filhos gostem mais ou estejam mais próximos. Se as mães, mesmo com algumas dificuldades, revelaram ser capazes de desempenhar o seu papel parental, atenuando-se as suas angústias e medos, e reforçando-se o apoio familiar e técnico, torna-se possível o estabelecimento de relações ainda mais positivas e adequadas com as crianças. Acreditando-se nisto, e mesmo não esquecendo que a reclusão e adaptação à vida prisional é mais difícil para as mulheres grávidas ou que têm crianças a seu cargo (Wooldredge & Masters, 1993), a manutenção da díade mãe-filho na prisão é possível e pode ser mais favorável do que a separação.

Para finalizar, espera-se que este modelo teórico traga também algumas *implicações teóricas*, nomeadamente que contribua para uma melhor compreensão das vivências pessoais destas mães, das dificuldades com que se confrontam diariamente e como lidam com elas, abrindo uma oportunidade para novos estudos neste campo, uma vez que estes são escassos, a fim de se promove-

rem melhores alternativas para o bem estar destas mães e destas crianças, e inclusivamente para que se aprofundem as dúvidas suscitadas por este modelo teórico. É ainda impreterível acrescentar que este modelo teórico é único e particular às mães participantes na investigação, e como tal deverá ser levado em consideração apenas como um conhecimento adicional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting. A process model. *Child Development*, 55, 83-89.
- Bentes, M. H. (1999). *Comportamento parental em situação de risco: mães adolescentes*. Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Browne, D. C. (1989). Incarcerated mothers and parenting. *Journal of Family Violence*, 4 (2), 211-221.
- Cunha, M. I. (1989). Prisão feminina como ilha de Lesbos e escola do crime. Discursos, representações, práticas. *Cadernos do Centro de Estudos Judiciários: Do Desvio à Instituição Total*, 2, 163-184.
- Cunha, M. I. (1994). *Malhas que a reclusão tece: questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.
- Dormoy, O. (1992). L'Enfant et le Prison. *Enfance*, 46 (3), 251-263.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. New York: Aldine.
- Machado, M. J. (1997). *Os meninos reclusos: uma avaliação do seu desenvolvimento através da escala de Griffiths*. Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Osofsky, J., Hann, D., & Peebles, C. (1993). Adolescent parenthood: Risks and opportunities for mothers and infants. In C. H. Zeanah Jr. (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 106-119). New York: Guilford Press.
- Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, 8 (4), 439-444.
- Pires, I. (2001). *Relação mãe-criança, ambiente prisional e irritabilidade materna*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Rufo, M., Pioli, M., & Pons, C. (1994). Entre la mère et l'enfant, la prison. *Neuropsychiatrie de l'Enfance*, 42 (8-9), 616-617.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. London: Sage.
- Wooldredge, J. D., & Masters, K. (1993). Confronting problems faced by pregnant inmates in state prisons. *Crime and Delinquency*, 39 (2), 195-203.

#### RESUMO

O objectivo deste estudo é construir uma teoria sobre o comportamento parental de mães que têm junto de si os seus filhos, enquanto cumprem penas judiciais. Entrevistaram-se seis mães detidas no Estabelecimento Prisional de Tires, com idades entre os vinte e três e os quarenta e um anos, cujas crianças têm idades entre um e dois anos. Utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas com questões abertas, que abordavam principalmente as experiências vivenciadas por estas mães, as dificuldades do seu quotidiano e a forma como eram ultrapassadas. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e analisadas de acordo com o método Grounded Theory. Verificou-se que estas mães se centram e focalizam na criança, desenvolvendo relações bastantes dependentes, tornando-se, simultaneamente uma relação mais próxima e adequada. Em parte, esta contração resulta de sentirem alguma culpabilidade por manterem os filhos na prisão e de recearem bastante a reacção futura da criança.

*Palavras-chave:* Comportamento parental, mãe, prisão, criança, Grounded Theory.

#### ABSTRACT

The purpose of this essay is to develop a theory about the parental behavior of incarcerated mothers who have their children near them while they have their time in prison. We interviewed six incarcerated mothers in Estabelecimento Prisional de Tires, with ages between twenty three and forty one years old. Their children have ages between one and two years old. We used semi-structured interviews with open questions about the life experiences of these mothers, their daily life difficulties and how they are overstepped. The interviews were recorded, and then transcribed and analysed according to the Grounded Theory method. We verified that these mothers put their children in the center of their lives and this becomes a very dependent relationship between both of them. Simultaneously, this relationship is also more near and suitable. The mothers center their lives in the children, in part because they feel some culpability for keeping the children in prison and also they fear their children reaction in the future.

*Key words:* Parental behavior, mother, prison, child, Grounded Theory.